

CONHECIMENTO DE GRADUANDOS DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ SOBRE O IMPACTO DE ABSORVENTES NO MEIO AMBIENTE

Isadora Laguila Altoé (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Sônia Trannin de Mello (Orientador).
E-mail: ra123736@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde,
Maringá, PR.

Ciências da Saúde, Saúde Coletiva

Palavras-chave: Educação; Absorventes Ecológicos; ODS.

RESUMO

Este estudo investigou o conhecimento dos alunos de cursos de saúde da Universidade Estadual de Maringá (UEM) sobre alternativas ecológicas e impacto ambiental dos absorventes. A pesquisa usou um questionário online e a análise de dados envolveu abordagens quantitativas e qualitativas. Os resultados revelaram que a maioria acha importante discutir menstruação, métodos e descarte de absorventes, independentemente do sexo biológico. No entanto, isso contrasta com a falta de inclusão desses tópicos na grade curricular. Mais de 80% dos participantes não estavam cientes do tempo de decomposição dos absorventes descartáveis. Sobre as opções ecológicas, muitos alunos conheciam essas alternativas. Constatou-se que a grande maioria ainda usa absorventes descartáveis, embora tenham demonstrado interesse em métodos mais ecológicos. O preço foi um fator importante na compra de absorventes, afetando a renda familiar de alguns participantes. Concluiu-se que os alunos de cursos de saúde da UEM têm lacunas no conhecimento sobre o impacto ambiental dos absorventes descartáveis, apesar de estarem cientes das opções ecológicas, o que é promissor, considerando seu papel futuro na assistência à população.

INTRODUÇÃO

O termo pobreza menstrual engloba, além das consequências para saúde e qualidade de vida das pessoas que menstruam, a falta de informações sobre as opções de absorventes ecológicos disponíveis e o impacto do descarte no meio ambiente (ROSSOUW; ROSS, 2021). Durante a vida reprodutiva pode-se produzir cerca de 200 kg absorventes descartáveis. O impacto torna-se ainda mais evidente quando observado o tempo para a decomposição do plástico de mais de 400 anos (PÊGO; LUPPI, 2021).

As opções ecológicas, como o coletor e o absorvente de pano, apesar de sustentáveis e econômicos, ainda apresentam alguns tabus. (PEREIRA, 2019).

Dentro desse contexto, esta pesquisa apresenta o seguinte questionamento: “Qual o conhecimento dos alunos dos cursos de graduação da área da saúde da Universidade Estadual de Maringá sobre as alternativas ecológicas, consumo e descarte consciente de absorventes?”

MATERIAIS E MÉTODOS

Realizamos um estudo transversal, descritivo-exploratório, com análise quantitativa e qualitativa com alunos maiores de 18 anos e matriculados nos cursos de graduação da área da saúde da Universidade Estadual de Maringá (UEM), no campus de Maringá-PR. Utilizamos questionário (Parecer COPEP Nº 5.553.409) do Google Forms® que foi veiculado através de mídias sociais no estilo bola de neve, sendo o formulário enviado duas vezes a cada mês.

A primeira parte consistia em 28 questões, em que indivíduos de todos os sexos poderiam responder; e a segunda, em 27 afirmativas, na qual somente pessoas que menstruavam continuavam respondendo.

O questionário permaneceu aberto para respostas no período de 6 de setembro de 2022 a 31 de dezembro de 2022. Por fim, os dados foram analisados por meio de estatística descritiva e não paramétrica (Qui-Quadrado), por meio do Programa Estatístico SPSS® e apresentados de forma descritiva e em tabelas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeira parte: todos os participantes respondiam

De acordo com o relatório da Diretoria de Assuntos Acadêmicos da UEM, durante o período da pesquisa, 1970 alunos estavam matriculados em cursos da área da saúde (Biomedicina, Ed. Física, Enfermagem, Farmácia, Medicina, Odontologia e Psicologia). A população amostral do estudo foi composta por 209 universitários, com média de idade de 20,39 anos, que aceitaram participar da pesquisa. Quanto à distribuição dos alunos por ano, obtivemos, do primeiro ao quinto ano: 113, 54, 24, 11 e 7 alunos, respectivamente. Essa distribuição inviabilizou a associação entre tempo de estudo e conhecimento acerca do tema.

Verificou-se a presença de todas as classes de identidade de gênero e cor. Todos consideraram importante discutir sobre menstruação, métodos de coleta menstrual e descarte de absorventes, independente do sexo biológico, com o engajamento da universidade. Esse dado, porém, não vai ao encontro da realidade dos cursos no Brasil e no mundo. Um estudo dos Estados Unidos expôs que de 5.000 cursos avaliados, apenas 28 incluíam tópicos relacionados à temática. Uma revisão da grade curricular a fim de integrar esse conteúdo pode contribuir para o treinamento adequado de um tema de grande relevância para a saúde da população (SOMMER et al., 2020).

Em relação ao destino e impacto dos absorventes, 63,63% dos participantes já tinham refletido sobre esse assunto, porém mais de 80% não têm conhecimento sobre o tempo de decomposição deste material. É provável que a falta de

conhecimento possa ser um fator que favoreça a permanência da utilização das opções descartáveis.

Realizou-se um teste de qui-quadrado de independência (2x7) com o objetivo de investigar se havia associação entre o conhecimento dos acadêmicos sobre o destino e impacto dos absorventes (sim e não). Foi encontrada uma associação significativa ($\chi^2(6) = 21,871$, $p < 0.001$). Contudo, análises dos resíduos padronizados ajustados demonstraram que apenas os cursos de Biomedicina e Odontologia se associaram com essa classificação. Alunos de Biomedicina tiveram 5,5 vezes mais chances de saberem o destino e impacto dos absorventes no ambiente, quando comparados com os alunos do curso de Odontologia.

Em relação às opções ecológicas de absorventes atualmente disponíveis, em uma amostra de 209 pessoas, 161 já haviam ouvido falar, 32 responderam negativamente e outros 16 responderam que talvez. Esse dado mostra-se positivo, haja vista que como alunos da esfera da saúde, espera-se que eles detenham conhecimento sobre assuntos relacionados à menstruação a fim de compartilhá-los com a população.

Segunda parte: somente pessoas que menstruam respondiam

Dos 209 participantes, 167 continuaram respondendo a pesquisa por possuírem útero e menstruarem. Das que fazem uso de absorventes descartáveis, a média encontrada foi de 10 absorventes por ciclo. Foi realizado um teste de qui-quadrado de aderência com o objetivo de investigar o número de absorventes utilizados por ciclo menstrual em uma amostra de 141 pessoas. O resultado demonstra diferenças estatisticamente significativas entre as usuárias ($\chi^2(17) = 172,4$, $p < 0,001$), sendo que a maior quantidade (28) usa 10 absorventes por ciclo.

O método mais utilizado por 150 participantes foi o absorvente descartável, sendo que destas, 126 o utilizam como única forma de contenção do fluxo. O segundo método mais utilizado foi o coletor, com 58 respostas. Evidencia-se que a temática sobre o impacto dos absorventes descartáveis e as opções mais sustentáveis ainda não são tão comuns entre as pessoas que menstruam. O baixo uso pode se dar por opiniões negativas ainda incrustadas, como a assimilação dos absorventes de pano com retrocesso, não espelhando a mulher moderna (SOUZA, 2022). Quando questionadas se usariam algum método ecológico de controle de fluxo menstrual, 74,25% das participantes se mostraram adeptas, totalizando 124 respostas, contra 6 que responderam negativamente e 37 que afirmaram que talvez usariam.

Em relação ao preço dos absorventes, 47,30% das participantes responderam que sempre levam o preço em consideração na hora da compra, 35,32% às vezes levam em consideração. O valor investido tem peso na renda familiar para 25 das participantes. Além disso, 11 alunas afirmaram que já tiveram alguma dificuldade financeira que dificultou a compra de absorventes. Estudo expôs que muitas mulheres precisam utilizar, métodos sem higiene e prejudiciais por não poder pagar por esses produtos. A utilização de absorventes mais ecológicos pode representar uma solução, já que apesar de serem mais caros, sua durabilidade supera em muito a dos absorventes convencionais, compensando no final o valor (PEREIRA, 2019).

CONCLUSÕES

Evidenciou-se, uma desinformação sobre o impacto ambiental dos absorventes descartáveis entre os estudantes dos cursos da área da saúde da UEM. Poucas são aquelas que utilizam métodos mais ecológicos, porém, a maioria se mostrou adepta a mudar a forma como absorve seu fluxo menstrual. Por fim, a respeito das opções de absorventes ecológicos disponíveis no mercado, os graduandos mostraram ter um bom conhecimento. Essa informação é encorajadora, já que, como estudantes na área da saúde, é esperado que eles possuam conhecimento sobre esses tópicos a fim de atender a população.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao CNPq pelo financiamento do PIBIC, que possibilitou a execução dessa pesquisa e a Profa. Dra. Sônia Trannin de Mello por todo apoio e assistência.

REFERÊNCIAS

PÊGO, L.; LUPPI, S. Absorventes descartáveis x meio ambiente: as consequências e os caminhos viáveis para a redução de danos. **Agent**, Jornalismo PUC-SP. 2021. Disponível em: agent.pucsp.br/noticias/absorventes-descartaveis-x-meio-ambiente-consequencias-e-os-caminhos-viaveis-para-reducao. Acesso em 18 de setembro 2022.

PEREIRA, S. B. **O comportamento do consumo da mulher: um estudo sobre a compra alternativas ecológicas aos absorventes**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso do Programa de Graduação em Administração da PUC-Rio. Disponível em <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/47572/47572.PDF>>. Acesso em 09 de junho de 2021.

ROSSOUW, L.; ROSS, H. Understanding Period Poverty: Socio-Economic Inequalities in Menstrual Hygiene Management in Eight Low- and Middle-Income Countries. **Int. J. Environ. Res. Public Health**, 2021. <https://doi.org/10.3390/ijerph18052571>.

SOUZA, M. G. M. **Percepções acerca do uso dos absorventes convencionais descartáveis e absorventes ecológicos de pano**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) - Universidade Federal Rural da Amazônia, Capanema, 2022.

SOMMER, M., *et al.* The Extent to Which Menstruation-Related Issues Are Included in Graduate-Level Public Health Curricula. **Front Public Health**. 2020; v. 8 442. doi:10.3389/fpubh.2020.00442